

CLAUDIA DE LIMA COSTA

# As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução

*Resumo:* Diante das formações contemporâneas pós-coloniais e da re-configuração de todos os tipos de conhecimentos e cartografias a problemática da tradução tornou-se um novo espaço de debate feminista. Por quais rotas as teorias feministas, junto com seus conceitos fundacionais, viajam nas Américas? Como são traduzidas em diferentes contextos geográficos e históricos? Que tipos de leituras as categorias analíticas das teorias feministas recebem em seus múltiplos deslocamentos? Quais os mecanismos e as tecnologias de controle que supervisionam o trânsito das teorias através das fronteiras territoriais, institucionais e disciplinares? Estas são algumas questões que introduzo para o debate que está publicado nesta seção temática.

*Palavras-chave:* teorias feministas, política, tradução cultural, Américas, migração discursiva.

1. Sobre o conceito de pós-ocidentalismo, ver MIGNOLO, 2000 e 1999.

Diante das formações contemporâneas pós-coloniais (ou, como diria Walter Dignolo, pós-ocidentais)<sup>1</sup> e da re-configuração de todos os tipos de conhecimentos e cartografias (geográfica, econômica, política, cultural, libidinal etc), a problemática da tradução tornou-se um novo — diria até recente — espaço de debate feminista. Por quais rotas as teorias feministas, junto com seus conceitos fundacionais, viajam nas Américas? Como são traduzidas em diferentes contextos geográficos e históricos? Que tipos de leituras as categorias analíticas das teorias feministas recebem em seus múltiplos deslocamentos? Quais os mecanismos e as tecnologias de controle que supervisionam o trânsito das teorias através das fronteiras territoriais, institucionais e disciplinares? Quais os lugares de enunciação que os sujeitos feministas (particularmente as acadêmicas feministas) ocupam no trânsito das teorias ao longo do eixo norte/sul e vice-versa? De que forma o lugar que habitamos no gênero, na raça, na classe, na sexualidade, nas instituições etc, delimita quais teorias (e autoras) são

traduzidas e como são interpretadas/apropriadas? Quem ou quais os mecanismos, afinal, que define(m) o que constitui uma teoria?

Deveria desde já esclarecer que meu uso do termo "tradução" não se refere às discussões sobre estratégias para os processos intralingüísticos, interlingüísticos e intersemióticos próprios da área dos estudos de tradução, mas sim nos remete aos debates sobre tradução cultural prevalentes na recente produção sobre teoria e prática etnográficas.<sup>2</sup> A tradução cultural, como observa Tejaswini Niranjana, não assume a *priori* qualquer simetria entre linguagens marcando o contexto da tradução, mas parte da premissa de que qualquer processo de descrição, de interpretação e de disseminação de idéias e perspectivas está inevitavelmente entrelaçado nas relações de poder e assimetrias entre linguagens, regiões e povos.<sup>3</sup>

## Sobre viagens e teorias

Muito já tem sido dito e escrito sobre as viagens das teorias por diversas topografias.<sup>4</sup> Contudo, com a progressiva transnacionalização da comunidade acadêmica, as teorias (bem como aquelas/es que as praticam) estão migrando através de itinerários cada vez mais complexos, enfraquecendo assim qualquer elo entre teoria e lugar, ou seja, entre teoria e suas raízes lingüísticas e culturais.<sup>5</sup> Como consequência disso, segundo Homi Bhabha, vemos que "teoria" tende a existir sob o signo do ocidente, que por sua vez se constitui como o arquivista-mor das informações sobre as formações não-ocidentais.<sup>6</sup> Por exemplo, Nelly Richard, em uma arguta discussão sobre feminismo, experiência e representação, argumenta que na divisão global do trabalho o trânsito teórico entre centros metropolitanos e periferias permanece preso a uma troca desigual ou uma lógica intratável: enquanto o centro acadêmico teoriza, espera-se da periferia o fornecimento de estudos de caso. Em outras palavras, a periferia é reduzida ao lado prático da teoria; isto é, num binarismo perverso, ela se toma o corpo concreto em oposição à mente abstrata do feminismo metropolitano.<sup>7</sup> Trinh Minh-ha captura vivamente essa inscrição das experiências das mulheres do terceiro mundo no repertório feminista ocidental quando, refletindo sobre seu próprio lugar de "mulher de cor" imigrante nos Estados Unidos, diz:

Agora não somente tenho permissão para falar e me expressar, mas também sou estimulada a expressar minha diferença. Minha platéia espera e me demanda isso. De outro jeito, as pessoas se sentiriam roubadas:

2. Ver ASAD, 1986.

3. NIRANJANA, 1992.

4. Ver, por exemplo, os trabalhos de KAPLAN (1996) e GREWAL e KAPLAN (1994), entre outros citados nesta bibliografia.

5. Sobre a relação entre teoria e lugar, ver o excelente ensaio de GROSSBERG (1997). Em relação às viagens das teorias, JOHN (1996) aponta duas coisas. Primeira: as teorias que viajam mais facilmente são aquelas com um nível de abstração tão alto que qualquer questão de contexto se torna irrelevante; segunda: as teorias, a partir de seus cruzamentos pelos diversos territórios, sofrem diferentes apropriações (leituras locais), tornando-se mais compostas. John cita nessa categoria as teorias feministas materialistas, que são geralmente forjadas em variados níveis de abstração, isto é, utilizam-se simultaneamente dos registros econômicos, culturais e históricos (p. 39-68).

6. BHABHA, 1994.

7. RICHARD, 1996.

8. Trinh, citada em BULBECK, 1998, p. 207 (ênfase no original).

9. Essa categoria analítica sumamente produtiva foi cunhada por PRAIT, 1999a e b.

10. FRIEDMAN, 1998 e SPIVAK, 1992.

11. CLIFFORD (1992) já assinalou que apesar de as teorias sempre partirem de algum lugar, esse lugar deveria ser pensado como interseção de vários itinerários, desenhados a partir de diferentes histórias de pertencimento, imigração e exílio.

12. RADHAKRISHNAN, 1996, e SAID, 1983.

13. NIRANJANA, 1992.

mundo falar sobre o primeiro (?) mundo. Vimos para escutar aquela voz da diferença que provavelmente nos trará *aquilo que não temos* e nos distrairá da monotonia do mesmo.<sup>8</sup>

No atual cenário de divisas fragmentadas, "zonas de contato" (em vez de centros e periferias)<sup>9</sup> e epistemologias da fronteira, é crucial investigarmos os processos de apropriação — ou, como gostaria de aqui denominá-los, processos de tradução cultural — das teorias feministas e de suas categorias analíticas, com o intuito de desenvolvermos o que algumas autoras têm chamado de "capacidade geopolítica de ler e escrever" na articulação de feminismos transnacionais.<sup>10</sup> Essa tarefa implica no rastreamento das migrações e traduções das teorias feministas para salientar aqueles elementos de apropriação que subvertem noções de autenticidade ou de originalidade. Idéias e conceitos — que jamais são totalmente puros ou nativos — emergem de lugares sempre já saturados por outros lugares e teorias.<sup>11</sup> O itinerário segue, portanto, uma lógica do rizoma, sem um ponto de origem evidente nem um ponto inequívoco de chegada. No caso específico das teorias feministas, mapear seus itinerários se complica ainda mais porque suas categorias analíticas são produzidas no (des)encontro das formações feministas heterogêneas, marcadas pelas diferenças de raça, de classe, de orientação sexual, de linguagem, de etnia e de tradição nacional, entre muitas outras. Devido a tudo isso, nessas migrações as teorias encontram coações epistemológicas, institucionais e políticas, fazendo com que passem por terrenos imperfeitos, peguem desvios súbitos e encontrem armadilhas ocasionais.<sup>12</sup>

### **Sobre tradução como migração discursiva**

No contexto do tráfego transnacional de teorias e conceitos, a questão da tradução cultural se faz um espaço privilegiado, por um lado, para elaborar análises críticas sobre a representação, o poder e as assimetrias entre linguagens e, por outro, para examinar e situar aquelas práticas constitutivas do sujeito do feminismo e de seu lugar de enunciação.

Em seu lúcido estudo sobre tradução no contexto da construção do sujeito colonial, Niranjana revela convincentemente como a prática da tradução, ancorando-se em noções filosóficas ocidentais tidas como não questionáveis — por exemplo, conceitos como realidade e representação —, contribuiu historicamente para ocultar a violência presente na própria construção desse sujeito.<sup>13</sup> Ao

14. *Dicionário Webster Eletrônico* (Inglês-português/português-inglês), da Editora Record, organizado por Antonio Houaiss e Ismael Cardim.

15. SPIVAK, 1992.

16. HILLIS MILLER, 1996.

17. SPIVAK, 1992.

18. Francine Masiello, *Conhecimento suplementar*; Norma Klahn, *Travesias/travesuras*; Simone Schmidt, *O feminismo nas páginas dos jornais*; Kia Caldwell, *Fronteiras da diferença*; Patrícia Zavella, *Comentários*; e Nora Domínguez, *Diálogos del género*—todos publicados neste número.

19. Não poderia deixar de mencionar aqui um artigo previamente publicado de MACHADO (1997), que compara e contrasta os debates feministas sobre igualdade e diferença, bem como seus diferentes significados, a partir de três formações nacionais: França, Estados Unidos e Brasil.

usar certos modos de representação da outra, a tradução reforça visões hegemônicas dessa outra (a colonizada, a subalterna) que, ao invés de entendê-la como produto histórico das próprias práticas de representação/tradução, a constitui como um objeto sem história. Não é de se estranhar, portanto, que a prática e a teoria da tradução tenham surgido, segundo Niranjana, da necessidade de disseminação do evangelho, onde *traducir*, em espanhol, significa tanto traduzir quanto converter. Na terminologia jurídica, curiosamente, tradução significa “apropriar-se indevidamente”.<sup>14</sup> Seguindo, portanto, a sugestão dessa autora, teorizar o processo de tradução cultural (traduzir a tradução) requer uma análise das diversas economias pelas quais o signo da tradução circula.

Diante disso, para Spivak, a tradução seria o mais íntimo ato de leitura. Entretanto, a tradutora de uma tradução precisa fazer com que a leitura íntima do texto em mãos extrapole para uma outra leitura, igualmente íntima, do texto social, explicitando as relações, por um lado, entre lógica textual e retórica e, por outro, entre lógica social e retórica.<sup>15</sup> Devido à intensa transmigração dos conceitos e valores nas viagens dos textos e das teorias, frequentemente um conceito com um potencial de ruptura política e epistemológica em um determinado contexto, quando trasladado a outro, despolitiza-se. Isso porque qualquer conceito, como mostra Miller, carrega consigo uma longa genealogia e uma silenciosa história que, ao serem transportadas a outras topografias, podem produzir outros tipos de leitura.<sup>16</sup> Contudo, a abertura da teoria à tradução se deve ao fato de que ela representa, para Miller, um uso performativo (e não cognitivo) da linguagem. Teorias são maneiras de fazermos coisas com a linguagem, sendo uma delas possibilitar leituras dos diferentes textos sociais. Quando uma teoria é traduzida a um novo contexto, diz Miller, as leituras que ela suscitará podem transformar radicalmente esse contexto. Portanto, qualquer tradução será sempre desfiguradora — quando a teoria viaja, ela desfigura, deforma e transforma a cultura e/ou a disciplina que a recebe. É nesse sentido que Spivak argumenta que a tradutora, mesmo tendo em si uma parcela inevitável de traidora, precisa, no entanto, esforçar-se não apenas para ser uma sagaz crítica do (texto, teoria) original, mas também para tornar-se uma leitora superlativa do texto social.<sup>17</sup>

Os artigos que compõem esta seção temática<sup>18</sup> refletem, sem sombra de dúvida, leituras sagazes e superlativas dos vários (con)textos trabalhados.<sup>19</sup> As perguntas com que iniciel esta introdução foram colocadas

a um grupo constituído por académicas brasileiras, brasilianistas, latino-americanistas e chicanas, posicionadas em diferentes disciplinas, departamentos e universidades, com o propósito de coletar reflexões sobre as viagens das teorias nas Américas. Os excelentes e inteligentes artigos de Francine Masiello, de Kia Caldwell, Norma Klahn e de Simone Schmidt, seguidos dos comentários perspicazes da debatedora, Patrícia Zavella, foram apresentados em sua primeira versão no XXII Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-americanos/LASA, em Miami, Florida, de 16 a 18 de março de 2000, numa seção co-organizada por mim e por Sonia E. Alvarez sob o mesmo título (*Feminist Theories in the Latin/a Americas: The Transnational Politics of Translation*). O propósito que animou a organização da seção foi (e continua sendo) a publicação de uma antologia sobre o tema, que incorporará outras reflexões ao longo do caminho.<sup>20</sup> Publicando-os aqui pela primeira vez, a *Revista Estudos Feministas* abre um importante espaço de debate sobre um tema bastante significativo nos dias atuais. Nossa intenção é convidar mais reflexões/reações por parte de nossas/os leitoras/res sobre as viagens das teorias feministas, de suas categorias analíticas e os processos de tradução cultural que marcam as passagens das teorias por diferentes fronteiras.

20. Esta introdução é uma versão parcial do trabalho que apresentei no já mencionado Congresso da Lasa. A única exceção neste grupo de artigos é o da Nora Dominguez, que foi apresentado na mesa-redonda sobre o mesmo tema por mim organizada durante o seminário *Fazendo Gênero 4: Cultura, Política e Sexualidade no Século XXI* (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 23 a 26 de maio de 2000). Decidi incluir seu artigo nesta seção pela relevância do tema a partir da perspectiva da crítica literária latino-americana. Pareceu-me importante não deixar essa área em descoberto.

### Referências Bibliográficas

- ASAD, Talal. The Concept of Cultural Translation in British Social Anthropology. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George E. (eds.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986, p. 141-164.
- BHABHA, Homi. The Commitment to Theory. In: BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1994, p. 19-39.
- BULBECK, Chilla. *Re-orienting Western Feminisms: Women's Diversity in a Post-colonial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- CLIFFORD, James. Traveling Cultures. In: GROSSBERG, Lawrence, NELSON, Cary e TREICHLER, Paula (eds.). *Cultural Studies*. New York: Routledge, 1992, p. 96-116.
- FRIEDMAN, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- GREWAL, Inderpal e KAPLAN, Caren (eds.). *Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- GROSSBERG, Lawrence. Where is the "America" in American Cultural Studies? In: GROSSBERG, Lawrence. *Bringing It All Back Home: Essays in Cultural Studies*. Durham: Duke University Press, 1997.
- HILLIS MILLER, J.. Border Crossings: Translating Theory: Ruth. In: BUDICK, Sanford e ISER, Wolfgang (eds.). *The Translatability of Cultures: Figurations of the Space Between*. Stanford: Stanford University Press, 1996, p. 207-339.

- JOHN, Mary E.. *Discrepant Dislocations: Feminism, Theory, and Postcolonial Histories*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- KAPLAN, Caren. *Questions of Travel: Postmodern Discourses of Displacement*. Durham: Duke University Press, 1996.
- MACHADO, Lia Zanotta. Estudos de gênero: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Gênero sem Fronteiras*. Florianópolis: Mulheres, 1997, p. 93-140.
- MIGNOLO, Walter. Posocidentalismo: las epistemologías fronteras y el dilema de los estudios de áreas. *Revista Iberoamericana*, v. 62, n. 176-177, p. 679-696, julho-dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. *Local Histories, Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- NIRANJANA, Tejaswini. *Siting Translation: History, Post-structuralism, and the Colonial Subject*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato. *Travessia: Revista de Literatura*, n. 38, 1999a (no prelo).
- \_\_\_\_\_. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999b.
- RADHAKRISHNAN. *Diasporic Mediation: Between Home and Location*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. *Revista Iberoamericana*, v. 62, n. 176-177, p. 733-744, julho-dezembro 1996.
- SPIVAK, Gayatri C. The Politics of Translation. In: BARRETT, Michèle e PHILLIPS, Anne (eds.). *Destabilizing Theory: Contemporary Feminist Debates*. Stanford: Stanford University Press, 1992. p. 177-200.

[Recebido para publicação em outubro de 2000]

**Feminist Theories in the Americas and the Transnational Politics of Translation**

**Abstract:** In light of post-colonial contemporary formations and the reconfiguration of all kinds of knowledge and cartographies, the question of cultural translations has become a crucial site for feminist debates. Through what routes in the Americas do feminist theories, along with their foundational concepts, travel? How are they translated in different historical and geopolitical contexts? What kinds of readings do feminist theories elicit in their multiple dislocations? What mechanisms and technologies of control oversee the transit of theories across geographic, institutional and disciplinary borders? These are some interrogations posed by the author and which are addressed in the articles published in this section of the journal.

**Keywords:** feminist theories, politics, cultural translation, Americas, discursive migration.